

Índice

Prefácio por Nikolaj Coster-Waldau	11
I O início de uma expedição à Gronelândia	15
II Finalmente a Gronelândia Oriental	27
III De trenó na escuridão e na tempestade	35
IV O adeus ao navio e aos camaradas	51
V Sozinhos entre o Céu e a Terra	59
VI Ainda no manto de gelo	75
VII Os últimos dias no manto de gelo	81
VIII Novamente em terra	93
IX No fiorde Danmark	101
X Viajando no lodo	117
XI Água e fome	133
XII A situação piora	147
XIII Os dias ficam mais pequenos	159
XIV O <i>sprint</i> final	169
XV Novamente inverno	179
XVI A esperança da primavera e do verão	193
XVII O terceiro inverno	207
XVIII Os últimos seis meses	221
XIX Esperanças concretizadas	231
Posfácio	245

Prefácio

A rainha Margarida II da Dinamarca estava a colaborar como figurinista numa adaptação de um conto de fadas de Hans Christian Andersen, dirigida por um bom amigo meu, Peter Flinth. Durante as filmagens, a rainha sugeriu que o livro de memórias *Two Against the Ice* de Ejnar Mikkelsen daria um grande filme. Como bom e orgulhoso súbdito, Peter enviou-me uma cópia do livro.

Era o ano de 2011, e eu estava na Bolívia a trabalhar numa história ficcionada sobre o que teria acontecido se Butch Cassidy tivesse terminado os seus dias nas montanhas locais. Ao ler *Two Against the Ice*, fiquei impressionado por a realidade ser, frequentemente, mais estranha e mais extrema do que a ficção. Sempre me senti atraído por histórias sobre exploradores, narrativas de homens e mulheres que, conscientemente, se colocam em perigo em busca de aventura e de descoberta. A história de Mikkelsen arrebatou-me e nunca mais me largou.

No virar do século passado, os exploradores do ártico — machos alfa nascidos com uma autoconfiança incrível nas suas capacidades de alcançarem o impossível — viajaram até locais onde a Natureza não tinha qualquer respeito pela vida humana. Arriscando as suas vidas para ir até onde nenhum homem antes fora, muitos deles morreram.

O que distinguiu a história de *Two Against the Ice* foi o facto de ter como protagonistas dois homens que eram os companheiros mais improváveis. Ejnar Mikkelsen, um explorador experiente, acaba por ficar com um jovem mecânico, Iver Iversen, que se

juntou à expedição à Gronelândia liderada por Mikkelsen quando o mecânico original se revelou inútil e permanentemente embriagado. Iver tinha poucas ou nenhuma ambições e a experiência no Ártico era nula.

Portanto, quando Mikkelsen necessitou de um voluntário para o acompanhar numa viagem difícil, foi surpreendente ser o inexperiente Iversen a avançar e a embarcar naquilo que acreditava serem apenas alguns meses de aventura.

Aqueles meses acabaram por ser três longos anos, durante os quais os dois homens lutaram contra o gelo e o frio letais do Ártico, conseguindo sobreviver em virtude do companheirismo, da amizade e de uma confiança inabalável um no outro.

Neste livro há um momento especial que me fez querer adaptá-lo a filme. Uma breve descrição de um postal que os dois homens encontram. O postal mostra um grupo de jovens raparigas em frente de um edifício, e Ejnar e Iver escolhem namoradas imaginárias entre os membros desse grupo. Ejnar escolhe apenas uma e Iver escolhe três — afinal, ele ainda era jovem — e as raparigas tornaram-se bastante reais nas suas mentes.

Para mim, o episódio deste simples postal simboliza a perseverança humana. Sem ter mais nada que esperar além da morte inevitável, as suas mentes criaram um espaço de carinho. Isto deu-lhes o alívio necessário da desolação da realidade e, incrivelmente, contra todas as probabilidades, sobreviveram.

Ejnar e Iver tiveram o seu único verdadeiro desentendimento quando Iver partilhou um sonho que incluía a rapariga que Ejnar tinha escolhido do postal para ser a sua amada imaginária. Ejnar foi consumido pela raiva e pelo ciúme até que, finalmente, concordaram em desistir dos seus relacionamentos fictícios e, em vez disso, focarem-se no seu real companheirismo como apoio. A maior ameaça que enfrentavam era a de quebrarem a confiança um do outro enquanto estavam ali, a alguns metros de distância um do outro, presos no norte distante, numa pequena cabana na ilha Shannon.

Ejnar Mikkelsen é um grande contador de histórias que transforma a narrativa da sua viagem com Iver Iversen num relato daquilo que significa ser humano. No âmago da nossa existência,

as experiências mais valiosas que alguma vez podemos ter são com os nossos companheiros na vida.

Fizemos o filme. O meu amigo Peter dirigiu-o, o meu parceiro de escrita e bom amigo Joe Derrick coescreveu o guião. E um novo amigo, Baltasar Kormákur, coproduziu. Amigos e companheiros a contarem uma história de amizade e de companheirismo.

O filme é uma adaptação do extraordinário livro de Mikkelsen, e fizemos tudo o que estava ao nosso alcance para lhe fazer justiça. (O filme intitula-se, simplesmente, *Contra o Gelo*, e a editora do volume que está agora a ler escolheu encurtar o título do livro em reconhecimento do nosso esforço.) Tenho esperança que o filme sirva como um bom companheiro para o livro.

Se assistir ao filme na Netflix, espero que fique com uma ideia da beleza absurda da Gronelândia, do imprevisível poder da Natureza e da necessidade humana fundamental de companheirismo. Divirta-se.

NIKOLAJ COSTER-WALDAU
Copenhaga
Outubro de 2021

CAPÍTULO I

O início de uma expedição à Gronelândia

Uma expedição é posta de lado — Mylius-Erichsen
sucumbe nas regiões áridas —

A oferta de lord Northcliffe e as suas consequências
— Uma partida feliz —

Maus presságios — Aportamos em Angmagssalik

O fado de um explorador desempregado não é feliz. A sua cabeça fervilha com planos para novas viagens, mas, pobre homem, normalmente tem falta daquilo que é essencial para pôr esses planos em ação; pois está falido, sem um tostão, e, frequentemente, pior ainda. Eu, pelo menos, pareço ter ficado sempre com um certo número de contas para pagar, maiores ou menores, no final das minhas expedições, sem ter qualquer ideia de de como conseguiria esse dinheiro.

Há, obviamente, honorários a ganhar com artigos e palestras e, ocasionalmente, um cheque por um livro sobre a última expedição, mas fazem pouca diferença num défice enorme. Para além disso, sentimos que, ao regressar a um país civilizado depois de diversos anos num ermo, temos direito a um período de calma e livre de preocupações.

Todos os países civilizados têm aquele tipo de pessoas que sentem pena pelo pobre explorador sem raízes e sem dinheiro, e apressam-se a dizer-lhe para ser mais sensato e para adotar um modo de vida prudente, calmo e lucrativo, em vez de perder tempo a deambular por regiões selvagens. Não havia qualquer necessidade de esse tipo de pessoas dizer-me isso; já era demasiado óbvio há alguns anos. Mas que podemos fazer, quando nascemos com uma inquietação eterna no corpo e somos apenas atraídos para

aquelas partes do mundo que as pessoas sensatas só consideram apropriadas para loucos?

Fiz uma tentativa genuína para ser sensato e fazer o que os outros jovens fazem, mas fui incapaz de suprimir a minha inquietação interior. Tornei-me irritável e impaciente, impossível de aturar. Ansiava partir novamente, para longe das amarras desgastantes da civilização, para o norte distante onde podemos viver uma vida ao máximo e sermos nós próprios. Era esta a situação em que me encontrava no início do verão de 1908, depois de regressar de uma expedição de dois anos aos mares a norte do Alasca, onde procurei uma terra desconhecida, cuja existência e posição não só tinham sido teoricamente calculadas, mas que também tinha sido avistada pelas tripulações de dois navios e pelos Esquimós do Alasca. Pelo menos é o que dizem.

Infelizmente, os teóricos estavam errados nos seus cálculos, e é um erro aceitar sem crítica tudo aquilo que as pessoas insistem ter visto, pois a terra não estava onde se havia calculado que estaria. A descoberta de que não era terra, mas sim uma ilha de gelo estava reservada à juventude tonta do futuro, àqueles que, alegremente, arriscam as suas vidas em aviões de grande altitude e que usam as estrelas como marcadores ao longo da abóboda interminável dos céus, de onde a vista é tão vasta que aquelas enormes ilhas de gelo flutuantes foram finalmente descobertas. Agora, andam lentamente à deriva com a corrente, pelos mares polares, transportando consigo cientistas e técnicos.

As minhas expectativas melhoraram num escuro dia de outubro, quando um velho barco a vapor fustigado por tempestades se arrastou até Copenhaga e ancorou no porto. Era o *Danmark*, o barco da expedição de Mylius-Erichsen, que regressava a casa com grandes resultados, após uma expedição de dois anos até à terra remota e desconhecida do nordeste da Gronelândia. Mas a bandeira no mastro à ré estava a meia haste, e espalhou-se rapidamente a notícia de que os grandes resultados obtidos tinham custado três vidas, incluindo a do próprio Mylius-Erichsen.

O experiente explorador sabia, obviamente, que a sua vida não valeria assim tanto no momento que deixasse a civilização e fosse engolido pelo ermo, pois, ao contrário dos nossos jovens

sucedores com os seus aviões e as transmissões de radiofrequência, nós, os da geração antiga, tínhamos de nos desvencilhar sozinhos, sem a menor possibilidade de obtenção de ajuda externa se as condições fossem piores do que antecipáramos. Nós estávamos conscientes disso, mas, ainda assim, é um golpe pesado quando uma bandeira a meia haste arrasta subitamente os nossos pensamentos das lutas e dos eventos do dia a dia e os obriga a voar para longe, para onde os amigos e os companheiros deram a sua vida a tentar arrancar dos desertos gelados alguns dos seus segredos bem guardados.

Eu conheci dois dos homens por quem aquela bandeira esvoaçava: Mylius-Erichsen, um idealista destemido, sonhador e poeta, e o leal gronelandês Jørgen Brønlund; e os meus pensamentos recuaram três ou quatro anos até à altura em que o Mylius e eu tínhamos grande contacto. Ele estava decidido a ir à Gronelândia, enquanto eu inclinava-me para o Alasca, mas tínhamos falado bastante sobre as expedições que estávamos a planear fazer e, por um momento, fiquei bastante tentado em deixar a terra desconhecida a norte do Alasca desconhecida durante mais algum tempo e aceitar a oferta do Mylius-Erichsen para ser o comandante do navio da Expedição *Danmark*. No entanto, nunca conseguimos chegar a um acordo, dado que o Mylius tinha algumas ideias peculiares (ou eu pensava que eram) sobre todos os membros da expedição serem iguais. Tanto o capitão como o rapaz da messe deveriam ter o mesmo direito a voto em todas as decisões: o lema da expedição era o da concórdia, e tudo o que era feito, tanto a bordo do navio como em terra, tinha de resultar do acordo de todos.

Soava muito bem, no entanto, apesar de eu também ser considerado um idealista incurável, também era marinheiro, e, como marinheiro com alguma experiência em navios e em pessoas, não podia acreditar no direito de consulta de todos e no princípio da igualdade, quer num navio quer em longas e árduas viagens de trenó. O Mylius, no entanto, não queria ceder, e eu mantive o meu ponto de vista; e assim, daí nasceu da nossa suposta colaboração, e cada um foi para seu lado no Norte que, naqueles dias, era tão interminável.

Um mês após o regresso do *Danmark* a Copenhaga, eu já estava novamente em Londres a tentar a minha sorte com os ricos

ali existentes. Estava a ter muito pouco sucesso quando, um dia, recebi uma carta do lorde Northcliffe a solicitar-me que o visitasse, uma vez que desejava discutir comigo um tema que deveria ser do meu interesse.

Os desejos do proprietário do *Daily Mail* eram ordens reais para homens como eu, que tinham sempre esperança no surgimento de ventos favoráveis, e, naturalmente, compareci, perguntando-me o que é que um poderoso proprietário de um jornal poderia querer discutir comigo. Ele começou por falar dos três homens que tinham perdido a vida na Gronelândia, dos seus diários e registos, nenhum dos quais tinha sido encontrado — exceto fragmentos do de Jørgen Brønlund —, e o que estes poderiam conter; falou de exploradores polares ingleses que tinham desaparecido e de tudo o que a Inglaterra fizera para descobrir o que lhes tinha acontecido, e terminou com algo sobre eu nunca conseguir dinheiro para outra expedição em busca da terra no mar de Beaufort, mas que tinha uma sugestão a fazer: eu deveria preparar uma expedição ao nordeste da Gronelândia e tentar descobrir os documentos dos homens mortos que, certamente, deveriam conter informação interessante. Se eu os conseguisse encontrar ele publicá-los-ia no *Daily Mail*. Ele suportaria a totalidade do custo da expedição. Eu só tinha de aproveitar a oportunidade — e fazer o meu melhor.

Ora, aí está uma oferta! Imaginem conseguir equipar uma expedição sem ter primeiro de bater a inúmeras portas para obter o dinheiro necessário — que acabava sempre por ser muito pouco. No entanto, como dinamarquês, não me agradava a ideia de ser um inglês a pagar a expedição e a, com o seu dinheiro, adquirir o direito àquilo pelo qual três dinamarqueses tinham dado a vida para alcançar. Parecia ser pouco correto ou razoável, e senti vergonha pela Dinamarca, por ser o lorde Northcliffe a oferecer-se para fazer aquilo que a Dinamarca deveria ter feito — se é que a tarefa era de alguma forma praticável.

Depois de uma noite em branco, com todo o tipo de pensamentos a rodopiarem na minha cabeça, enviei ao lorde Northcliffe uma recusa delicada, e voltei à Dinamarca onde anunciei alegremente que agora já sabia o que queria fazer, que a vida tinha adquirido

novamente um propósito: naquele verão eu iria à Gronelândia tentar encontrar os registros do Mylius-Erichsen.

Primeiro, contei ao meu velho amigo e líder da minha primeira expedição o que tinha acontecido em Londres, e pedi-lhe que falasse com outros no Comitê da Expedição *Danmark*, do qual ele era membro, e que auscultasse se o Comitê me daria o seu apoio moral no que diz respeito à opinião pública. Certamente não faria mal ter alguns rapazes finos a apoiarem-me, dado que estava a começar a ser conhecido como inoportuno.

Tive, então, uma reunião com o Comitê e, tendo recebido a sua promessa de apoio tanto moral como ativo, comecei a ponderar de onde viria o dinheiro. Mais uma vez, comecei o penoso caminho a falar com um a um daqueles que não só podiam como, pensava eu, deviam ajudar a pagar o que custaria à Dinamarca cumprir o seu dever para com os seus três filhos desaparecidos no nordeste da Gronelândia. O Governo tinha dado um subsídio considerável à Expedição *Danmark*, e agora tinham-me prometido que iriam cobrir metade do custo da minha. Depois disso, foi relativamente fácil obter o que necessitava e que era, no total, 50 000 coroas, e, no final de março de 1909, o Comitê conseguiu emitir uma declaração em que dizia que a expedição estava financeiramente assegurada.

Assim foi, fiquei feliz por ter recusado a oferta do lorde Northcliffe. No entanto, ao mesmo tempo, pôs um fim à minha amizade com o tenente Koch, meu companheiro numa expedição anterior, que tinha sido o número dois na Expedição *Danmark*. Antes de deixar a Gronelândia, o tenente Koch tinha viajado de trenó para norte, até Lamberts Land, onde encontrara o corpo do Jørgen Brønlund e, no caderno de bolso do morto, os mapas em esboço de Hoeg-Hagen e o diário do Jørgen que terminava com as seguintes palavras, memoráveis e orgulhosas:

«Sucumbi no fiorde 79 depois de ter tentado regressar através do manto de gelo em novembro. Cheguei aqui já com o luar enfraquecido e não consegui avançar mais devido às queimaduras de gelo nos dedos dos pés e à escuridão. Os outros corpos podem ser encontrados a cerca de vinte quilómetros em frente ao glaciar

existente a meio do fiorde. O Hagen morreu a 15 de novembro, o Mylius cerca de dez dias depois.»

Depois disso, o Koch pensou que quaisquer outras buscas pelos corpos dos homens mortos, e quaisquer diários ou cadernos que estes pudessem ter, seriam, e continuavam a ser, em vão; para além disso, também pensava que ele, representando os restantes membros da Expedição *Danmark*, tinha feito tudo aquilo que podia ser feito para descobrir o destino dos seus companheiros.

O Comité da Expedição *Danmark*, que tinha assumido agir como meu abonador, partilhava a minha opinião de que devia ser feito mais e as autoridades, presumivelmente, também, pois, caso contrário, o Parlamento dificilmente teria concordado em pagar metade do custo de enviar uma expedição para procurar mais vestígios dos homens desaparecidos.

Encontrei um navio adequado em Stavanger, o *Alabama*. Era um iate Nordland, espaçoso para um barco daquela dimensão, pois tinha apenas quarenta e cinco toneladas. Também foi barato, custando somente 6 000 coroas, mas o dono tinha retirado tudo que não estivesse pregado.

Trouxe o barco para Copenhaga, onde foi remodelado desde a quilha até à borla e foi-lhe instalado um novo motor, comparativamente um verdadeiro monstro, apesar de ter apenas 18 cavalos. Depois, esfregado e a brilhar com tinta e metais novos, foi ancorado no cais do Departamento Real de Comércio da Gronelândia para ser carregado de equipamento e de provisões para dezasseis meses, mas para que também pudéssemos mostrar o nosso belo navio àqueles que tinham tornado possível transformar um iate Nordland, apesar do seu tamanho, num navio de uma expedição tão bom como qualquer outro que tivesse navegado a partir de Copenhaga rumo às massas de gelo da Gronelândia Oriental. As pessoas não esperavam ou exigiam assim tanto naqueles tempos distantes.

Os nossos amigos ficaram surpreendidos que o nome *Alabama*, estranho aos olhos e às ideias dinamarquesas, ainda figurasse no flanco do navio, e que agora até estava gravado numa placa de mógono e com letras cuidadosamente douradas; mas há uma

velha superstição do mar que recomenda prudência ao trocar o bom nome de um navio antes de uma longa e perigosa viagem: negarmos o passado a um navio pode resultar em sofrimento e infortúnio. Portanto, foi-lhe permitido manter o seu velho nome, apesar de todos percebermos que poderíamos ter encontrado muito facilmente um nome muito mais adequado à sua missão do que aquele que já tinha.

Os membros do Comitê, cavalheiros de ar grandioso que usavam sobrecasacas e cartolas lustrosas como se fossem a um batizado, subiram a bordo para inspecionar o navio. O primeiro-ministro também quis ver o que adquirimos com o subsídio governamental, e o chefe do Governo Regional da Gronelândia esteve lá para nos garantir o apoio que nos seria dado pelo Governo. O embaixador americano foi lá, também de cartola, para admirar a maravilha e verificar ele próprio que era realmente possível equipar uma expedição à Gronelândia com a parca soma que disséramos ser suficiente. Como americano, mal conseguia acreditar nisso. Ao todo, tivemos tantos visitantes a bordo que o barco parecia muito mais pequeno do que parecera antes. E assim todos os outros pensaram que era demasiado pequeno para aguentar uma viagem tão longa.

Quando todos os forasteiros partiram, o presidente do Comitê pediu-me para reunir a nossa pequena tripulação na popa e, então, leu uma mensagem que o rei Frederico VIII nos dirigiu. Enquanto a lia, um rapaz do telégrafo aguardava no cais. O seu telegrama era do príncipe herdeiro, Cristiano.

A atenção que nos estava a ser prestada era quase opressiva. Quando, finalmente, terminou a comoção e ficámos sozinhos, dirigi-me à cabina onde o tenente Vilhelm Laub, o tenente C. A. Jørgensen e eu estaríamos acomodados durante a viagem. Ali sentado, os meus pensamentos regressaram momentaneamente à minha partida de Vancouver, quando parti na minha última expedição a bordo do pequeno *Duchess of Bedford*, e como a lancha do Harbour Master nos tinha perseguido, transportando um chinês ansioso que, alto e bom som, exigia pagamento por umas calças que tinha limpado e passado a ferro, dois dólares no total, e como, todos juntos, não tínhamos conseguido angariar a soma, apesar de termos despejado todos os nossos bolsos.

Não podia haver maior contraste entre aquele momento e o presente, e se votos de felicidade servissem para alguma coisa, então tudo correria bem connosco na nossa viagem até ao distante nordeste da Gronelândia.

Estávamos em 1909, e o verão estava no seu esplendor máximo, quando chegou a hora da partida e o pequeno *Alabama* se dirigiu para o mar, para a sua longa viagem até à Gronelândia Oriental, acompanhado de votos de felicidade e com esperança e confiança ao leme.

Três semanas depois, e durante muito tempo depois disso, foi como se todos os nossos esforços e as nossas esperanças estivessem destinados a serem gorados por circunstâncias sobre as quais não tínhamos qualquer controlo.

Os nossos infortúnios começaram quando fomos buscar os cinquenta cães de trenó que tinham sido adquiridos para nós na Gronelândia Ocidental e enviados para as ilhas Faroé num dos barcos do Governo Regional da Gronelândia. Tinham sido animais bons e fortes, mas as durezas da viagem e, talvez, um tratamento imprudente e injustificável tinha dado cabo deles; portanto, depois de termos debatido o tema com as autoridades, homens que percebiam do tema, acabámos por ser forçados a abatê-los todos.

O segundo infortúnio aconteceu com o nosso gronelandês. Ele devia ter vindo connosco como caçador e cuidador dos cães, mas ali estava ele, na cama de umas das nossas cabines, com pneumonia, a lutar pela vida. O médico local ordenou que fosse imediatamente transportado para terra, e, portanto, também o perdemos.

Sem cães não estávamos em posição de fazer fosse o que fosse, e eu deveria ter dado atenção aos avisos do destino e desistido da empreitada. Mas nunca gostei da ideia de desistir de uma viagem depois de iniciada, e, passada uma semana de conversas por telégrafo com o Comité em Copenhaga, deixámos as ilhas Faroé e dirigimo-nos para Angmagssalik, na expectativa de uma viagem rápida e da obtenção dos cães de que necessitávamos como recompensa pelo risco que estávamos a correr; pois uma viagem destas era um empreendimento perigoso tão cedo no ano. No entanto, correu tudo bem, e comprámos todos os cães que os Esquimós nos

cederam. Agora tínhamos tantos cães quantos os que tinham sido enviados da Gronelândia Ocidental, mas estes cães não tinham a mesma qualidade, eram tão pequenos e enfezados que tive sérias dúvidas sobre eles. Mais uma vez, devia ter desistido, mas confortei-me com a ideia de que talvez os cães fossem melhores do que pareciam, de facto, fraco consolo.

Infelizmente, não foi o fim dos nossos infortúnios, longe disso. O motor começou a dar problemas e faltou exatamente quando mais necessitávamos dele. Inicialmente, convencemo-nos de que estes eram os típicos problemas iniciais de uma expedição, e libertávamos a nossa frustração à verdadeira maneira de marinheiro, praguejando contra o motor que esperávamos que nos fizesse ultrapassar o gelo à deriva. No entanto, não demorou muito até começarmos a interrogar-nos se talvez o motor em si não estivesse bem, e que a nossa verdadeira dificuldade era simplesmente o facto de o nosso mecânico, altamente recomendado, não conseguir mantê-lo a funcionar. As nossas dúvidas transformaram-se gradualmente em certeza: o nosso mecânico definitivamente não dava conta do trabalho e teria de ser substituído por outro, melhor, ou então teríamos de abandonar a ideia de chegarmos à Gronelândia Oriental tão tarde no ano.

Mas onde é que iríamos encontrar outro homem, e melhor? Pela terceira vez, eu deveria ter desistido, pois todas estas dificuldades e atrasos tinham consumido grande parte do curto verão da Gronelândia durante o qual deveríamos ter conseguido realizar muita coisa. Por sorte, o navio de inspeção do governo dinamarquês, o *Islands Falk*, estava na Islândia, onde tínhamos chegado no meio de uma tempestade com os nossos cães franzinos, o motor avariado e um mecânico inútil. Contei o meu drama ao capitão, e ele, um homem robusto, prontificou-se a fazer o possível. O telégrafo começou a trabalhar; o almirantado dinamarquês foi muito solícito e, após a troca de alguns telegramas, o capitão teve autorização para dizer à sua tripulação que quem quisesse estava autorizado a voluntariar-se como mecânico a bordo do *Alabama*, e ganharia a gratidão do almirantado por ajudar uma boa causa.

Um dos homens voluntariou-se, disseram-me, apenas um. O nome dele era Iver P. Iversen, e todos pareciam concordar que,

se alguém conseguia pôr uma máquina a funcionar da forma como era suposto funcionar, esse alguém era Iversen. Isto já me soava bem, e eu subi a bordo do *Islands Falk* e pedi para falar com ele. Ele desceu até à cabine do capitão, baixo e delgado e sem nenhuma característica especial, mas estava entusiasmadíssimo por começar a trabalhar num motor de que um irmão mecânico tinha desistido e que estava agora, desmontado em inúmeras peças na nossa pequena casa das máquinas.

— Bem, então o que me diz, Iversen? — perguntou o capitão.
— Consegue arranjar este motor? E vai na expedição até lá acima?

O Iversen respondeu sem hesitar que sim, que, se não faltassem peças, conseguiria certamente pôr o motor a funcionar. E mesmo se faltasse uma peça ou duas, ele conseguiria arranjá-lo de forma bastante satisfatória. E que também gostaria de ir na expedição. Há muito que queria fazer isso, desde que lera os artigos sobre a expedição de Ejnar Mikkelsen que saíram no *Familie Journal*.

E assim ficou decidido. O Iversen não poderia ser menos talentoso e menos energético do que o mecânico que tínhamos tido até ao momento.

Algumas horas depois, ainda de noite, o *Islands Falk* passou-nos a ponta de uma sirga para nos rebocar para norte, e o Iversen passou para o pequeno *Alabama* depois de uma longa despedida dos seus companheiros alegres no elegante navio de guerra.

Quando já estávamos afastados de terra, o Iversen acenou-nos alegremente e desceu até ao motor. Pouco depois, ouvimos o ruído acelerado de marteladas em aço ressonante, o arranhar de limas, o estridor de peças de motor a serem atiradas por todo o lado, tudo isto acompanhado ou por uma melodia alegre ou por assobios profundos, e interrompido por curtos períodos de silêncio, quando o Iversen ponderava sobre os seus problemas. A vida tinha chegado subitamente a uma casa das máquinas que, até ali, tinha estado bastante morta.

O Laub veio ter comigo quando eu estava encantado, a ouvir os sons da energia vibrante e da atividade que emergiam do buraco negro, e concordámos que o Iversen sabia mesmo como trabalhar. Só passado um dia e uma noite de reboque, quando chegou a hora de nos despedirmos do *Islands Falk*, é que o Iversen pôs a cabeça

fora da casa das máquinas. Estava todo sujo e a precisar desesperadamente de dormir; estava ferido do impacto de desbastar pedaços de ferro pesados, mas mostrou-nos os seus dentes brancos num sorriso alegre e disse: — Bem, capitão, basta dar a ordem e o motor vai pegar.

Para nossa grande alegria e surpresa, o motor realmente pegou, e, mais do que isso, não sibilou, deu solavancos ou fez barulhos, nem emitiu gases sufocantes. E, maravilha das maravilhas, parou apenas quando devia parar e voltou a arrancar novamente quando necessitámos do seu impulso.

Agora, finalmente, as coisas pareciam estar a melhorar, mas todas estas dificuldades e revezes imprevistos já nos tinham custado um mês e meio de temperaturas de verão, que nós teríamos aproveitado ao máximo. Quando o *Islands Falk* nos deixou um pouco a norte da Islândia, já devíamos ter atravessado o gelo há muito tempo, gelo que não podíamos esperar ver se não dali a dois ou três dias.

